

## TRABALHADORES DA FÁBRICA DE TECIDOS DE SOBRAL – MUITAS HISTÓRIAS E OUTRAS MEMÓRIAS

Telma Bessa Sales<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo analisa experiências e memórias de trabalhadores da indústria têxtil no Ceará, especificamente, na fábrica de tecidos Sobral. A partir das narrativas e interpretações do vivido, apresenta uma abordagem que vê o trabalhador em suas ações e reações, resistências e aceitações e não apenas como espectador ou vítima dos acontecimentos. É um estudo que busca as experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo e utiliza a metodologia da história oral.

**Palavras-chave:** Trabalhadores. Experiências. Memórias.

### Abstract

This article discusses experiences and memories of workers in the textile industry in the state of Ceará, Brazil, specifically, in the factory textile Sobral. From the narratives and interpretations of life, presents an approach which sees the workers in his actions and reactions, resistance and acceptance, not only as a spectator or victim of events. It is a study that seeks the experiences of workers in their own become, expressing their subjectivities and visions of the world, using the methodology of oral history.

**Key-words:** workers – experiences – memories

O Sol estava ‘quase escondido’ numa manhã de maio em Sobral. O clima nesta cidade é tipicamente tropical, quente e seco, com uma temperatura média de 30 graus centígrados e com uma altitude de 69 metros. Sobral localiza-se na região norte cearense a 238 quilômetros de Fortaleza.

Este dia de sol em particular estava convidativo e animado para um grupo de estudantes do curso de História da UVA e de ex-trabalhadores, que após mais de quinze anos, regressam ao espaço da antiga fábrica Ernesto & Ribeiro, Fábrica de Tecidos Sobral ou ainda a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (C.F.T.E.D)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA-Sobral-CE. E-mail: [telmabessal@yahoo.c](mailto:telmabessal@yahoo.c)

<sup>2</sup> Foi fundada por dois sócios, Ernesto Deocleciano de Albuquerque, cearense, nascido em Aracati, mas residindo em Sobral, exportador e beneficiador de algodão, e Cândido José Ribeiro, industrial do ramo Têxtil no Maranhão. A fábrica demorou três anos para ficar pronta, iniciando sua produção com maquinário importado da Inglaterra. Fabricava tecidos de algodão cru, sacos de algodão, redes de dormir,

A ação era desafiadora e estimulante: andar pelos caminhos internos da antiga Fábrica, no centro de Sobral, sendo ‘guiados’ pelos que ali de forma cotidiana, se dedicaram vinte, trinta, quarenta anos ao funcionamento desta. Sim, fomos levados a enxergar restos de um passado recente, quando estes trabalhadores viviam os frutos do seu trabalho fabril.

A caminhada então iniciou pelas mãos, falas, gestos, enfim, no diálogo com os Srs. Antônio, Barbosa e Carlos (nomes fictícios), respectivamente, eletricitista, supervisor e tecelão. Estes são interlocutores na pesquisa *Tecendo Memórias: Experiências de Trabalhadores da Fábrica de Tecidos Sobral*<sup>3</sup> vinculada ao Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas (LABOME-UVA) e a Pró Reitoria de Pós Graduação da UVA.

Ao andar na fábrica hoje (atual campus da Universidade Federal do Ceará – UFC), destaca-se em pleno funcionamento o prédio da faculdade de Odontologia. Nesta manhã estudantes e professores chegam para suas atividades, deparando-se conosco: um grupo de senhores, estudantes e suas mochilas com filmadoras, câmeras fotográficas, cadernos de anotações, que buscam praticar um olhar atento, detalhado, subjetivo, e significativo para ambos. Olhares surpresos, curiosos, furtivos, ‘embotados’, melancólicos. Tudo presente nestes passos andarilhos com firmeza e decisão. O caminho se torna mais leve e rápido com a vontade das narrativas sobre o antigo local de trabalho: *aqui se instalava o banheiro, ali a portaria, lá mais à frente era onde os carros levavam o material para exportação, do outro lado, a escola, depois, o cassino*. Estes marcos visuais narrados pelos trabalhadores nos permite pensar processos vividos por eles que constituíram modos de vida.

Observamos que através de suas memórias são contadas histórias significativas do local de trabalho, da expansão da Fábrica, das festas, forrós, sorteios, futebol, da produção, do apito, da chaminé. A pluralidade das narrativas, as diversas experiências dos trabalhadores demonstram que existem diferentes maneiras de viver e interpretar o

---

rios de novelo, pluma de algodão. Primeira grande fábrica que vai inserir o município sobralense na produção industrial do Ceará.

<sup>3</sup> Pesquisa em andamento com participação de professores da UVA Sobral (Prof. Ms Viviane Prado e Prof. Ms Igor Moreira) e alunos de diversos períodos letivos do Curso de História: Francisca Carneiro, Joaquim Sousa, Luis Carlos, Allanna Araujo, Talyne Rose.

vivido. Assim, é importante isto ser explicitado para que haja uma potencialização e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais. Como assinala (POLLAK, 1992, 200-212)... *A História tal como a pesquisamos pode ser extremamente rica como produtora ...de novas interpretações. A História está se transformando em histórias, histórias parciais e plurais.*

E somos levados para uma visão geral do antigo espaço fabril: vê-se nos arredores uma sucata de propriedade de um ex-operário, que teima em viver do lado de fora do que significou o “ingresso de Sobral na era industrial” como nos conta Padre Lira em uma de suas cartas (Nossa História – A Revolução Industrial em Sobral – Pe. João Mendes Lira – Cap. LVI, 20\5\1972):

Em nossa terra a Revolução Industrial apareceu somente em 1894 quando foi construída a primeira fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano. As máquinas foram todas importadas da Inglaterra, país onde foi iniciada a Revolução Industrial.

Nesta manhã de passeio incomum compartilhamos alegrias, tristezas, lembranças, reminiscências do trabalho duríssimo nas máquinas, salas de pano, fiação, teares, escritórios, bem como espaços lembrados com orgulho como a escola para as crianças da vila e o "Cassino dos operários" anexo a empresa na década de 1940, além da sala dos médicos. Enfim, conhecemos os espaços construídos e vivenciados pelos trabalhadores cujos caminhos continuam inesquecíveis, preservados em suas memórias.

Sim, a Fábrica foi uma revolução na vida dos trabalhadores, da cidade, da população. Jovens ingressaram cedo para o trabalho, como afirma a Sra. Maria Cardoso do Nascimento, Marizô. Nasceu em Tianguá em 1919, e vive em Sobral desde 1921, casou com treze anos, é mãe de quatorze filhos. Trabalhou como parteira, rezadeira, lavadeira, empregada doméstica e tecelã. Ao ser indagada sobre o trabalho na fábrica diz: <sup>4</sup>

d.m - eu trabalhei... “tecelona”, fiação, “remetedor”, era tecelagem de tudo eu sabia ali trabalhei muito.[ porque era manual “nera”? não tem agora tudo, trabalho é em, é eletricidade...]

---

<sup>4</sup> Entrevista: NASCIMENTO, Maria Cardoso do. - D. Marizô (depoimento, 15.09.2001). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2001. Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas.

d. m – é, trabalhava manual, eu pegava uma máquina como daqui e fora, pra eu dar conta, eu dava lá, dava no meio, dava na ponta, era correndo.

e – que idade começava trabalhar lá?

d. m – eu trabalhei lá eu acho que... pouco, assim eu doze anos...

As narrativas dos trabalhadores entrevistados, assim como da Sra Marizô, apontam idades de onze, treze, dezesseis anos como destaca também a Sra. Maria, moradora da Vila Janoca, situada na Praça da Santa Casa, e ex - operária da fábrica:

“Comecei a trabalhar na fábrica com 13 anos, eu e minha irmã mais nova, só trabalhava lá quem tivesse 15 anos, foi uma vizinha que falou com o Sr. Candido, pois precisávamos trabalhar para ajudar em casa esta mesma vizinha conseguiu com o gerente da fábrica a casa na vila Janoca”.<sup>5</sup>

Ou ainda como o Sr. Barbosa, nasceu em Sobral, numa casa pertinho da Santa Casa. Em sua narrativa aponta com orgulho que *seguiu a carreira do pai, que começou como mecânico*. Como o pai foi tecelão, ele também entrou na Fábrica e trabalhou desde jovem com vários amigos, pois não havia muita opção na cidade: *o pessoal era muito dedicado ao trabalho, fazia tudo com muito amor*. Este trabalhador foi contra mestre, setor de produção, auxiliar de escritório, supervisor, e continuou na Fábrica até a década de 90, antes da fábrica fechar.

Hoje, seguindo os passos falados de ex-trabalhadores, suas histórias de ingresso na fábrica, observamos os vestígios de locais de chegada do algodão cru, do salão imenso das descaroçadeiras, as máquinas que separam o algodão para ser fio e tecidos dos caroços que servirão para produção de óleo, as caldeiras.

Os espaços históricos desta fábrica expressam o dia a dia bem diferente de lugares próximos a Sobral como as cidades circunvizinhas, e inaugurou outro ritmo implementado com disciplina, produtividade, qual seja, a realidade mesmo do ‘chão da fábrica’. As mudanças exigidas com o trabalho fabril, a noção do tempo do trabalho

---

<sup>5</sup> Entrevista extraída da Monografia de Maria Marlúcia dos Santos Cordeiro “Memória dos Operários da Vila Ernesto Deoclesiano da Fabrica de Tecidos de Sobral. UVA-CCH – História dezembro de 2010.

com novos hábitos, maior exatidão nas rotinas do tempo, o relógio e a produção impondo novos valores e modos de vida. São questões presentes nas narrativas e experiências dos trabalhadores e remetem a reflexão de (THOMPSON, 1998) ao pensar o tempo, a disciplina do trabalho na sociedade inglesa no século XVIII.

Edward P. THOMPSON afirmou em seu livro sobre os trabalhadores da Inglaterra que escreveria sobre os que são esquecidos, as vivências, aspirações, enfim, as histórias de vida dos trabalhadores dentro e fora da Fábrica, a maneira de ser, trabalhar e ver o mundo a partir das experiências destes. Seu estudo busca as experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo (THOMPSON 2001).

Podemos indagar por que os estudos deste intelectual, polêmico, inovador, reconhecido em todo o mundo, continuam um exemplo até hoje. Como assinala Alexandre Fortes no artigo "*Miríades por toda a eternidade*": *a atualidade de E. P. Thompson*, a obra de Thompson continua atual e perseguir estudos na história social, com sua perspectiva e abordagem exige, mais do que nunca, o equilíbrio entre rigor intelectual e paixão, compromisso político e pesquisa exaustiva.

É nesta trilha que perseguimos nossos estudos. E seguimos a caminhada. Sr. Antônio nos convida a adentrar a Fábrica e diz que é muito grande sendo necessário mais tempo pra conhecer tudo além de ter lugares interditados pela reforma do espaço. Assim ficamos cientes por saber de um retorno ao mesmo local em sua companhia.

O interesse pelos trabalhadores da fábrica de tecidos estava latente. Pensava inicialmente em, calmamente, conhecer a cidade, o uso dos espaços urbanos, a produção dos espaços fabris, os bairros, enfim, só após adaptação mínima começariam as pesquisas de campo. Mas, no decorrer dos três meses iniciais de pesquisa, aos poucos o conhecimento dos trabalhadores que de forma incansável, falavam de amigos, compadres, primos que trabalhavam na fábrica, houve a necessidade de um exercício etnográfico: onde se localizava e como estariam os restos da fábrica que estes homens falam com tanto afincado e amor! Um sentido de urgência, de ir com eles neste lugar tão significativo e vivo em suas memórias.

No decorrer destes meses o que mais impressiona é observar a inevitabilidade das mudanças destacadas em suas falas sobre a história da fábrica e as suas vidas. Sim o sentido da saudade dá o tom nas narrativas destes. *É a saudade do tempo do trabalho*

*para todos*<sup>6</sup> no tempo da Fábrica de Tecidos Sobral que também é destaque no depoimento da tecelã Maria de Lourdes que trabalhou quarenta e dois anos na fábrica. Em certo ponto de nossa conversa, sobre o seu trabalho, assinala que operava em dezesseis teares e afirma em lágrimas: *eu gostava do meu trabalho, era muito bom, um salário bom, ganhava cesta com macarrão, açúcar, ganhava prêmio, minha filha ganhava boneca... Era bonito o meu trabalho, o tear era grande, minha infância foi toda lá.*

Por falar das experiências partilhadas por nós e pelos trabalhadores, é importante saber quem somos e o que sentimos. As histórias são muitas, tantas quanto forem os pontos de vista, e por isso não há aqui as melhores ou as mais significativas histórias, mas as que nos foram contadas por sujeitos que, deslocando-se de acordo com a vida atual, com a dinâmica social e trabalhista que não são ditadas por eles, vivem hoje no pequeno limbo entre as barulhentas ruas do centro, ao redor da fábrica, ávido comércio e os mudos bancos e árvores das praças, o convívio familiar, além de encontros furtivos e conversas com amigos de longas datas.

Esta ‘visita’ com os trabalhadores em seu antigo local de trabalho desvendou um olhar iniciante em todos os sentidos: a fábrica não era desprovida de pessoas e situações que somente nela seriam possíveis. Eu a entendia enquanto um lugar de muito suor e dedicação, trabalho árduo. Em muitas conversas, os interlocutores, contudo, costumavam vê-la como espaço completo, onde foram felizes, as esposas levavam o café da manhã, onde os filhos participavam das festinhas, onde o futebol agregava a todos, onde se sentiam insubstituíveis, pois ao sinal de qualquer chamado, eles ali estavam a qualquer hora do dia ou da noite para resolver coisas internas do funcionar das máquinas.

A maneira como o Sr. Antônio, Barbosa e Carlos relembram suas experiências, nos leva a pensar nas formas diferenciadas e ambíguas de viver o chão da fábrica, de sentir a exploração, a dor e o prazer do trabalho. Os diversos depoimentos demonstram que a memória da vida na fábrica ainda está presente, de maneira única, para cada trabalhador. Em um primeiro momento, pode-se pensar que a saudade, as recordações

---

<sup>6</sup> Referência aos escritos de LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988, p. 585.

dos tempos de juventude são imparciais, unilaterais, mas à medida que se vai analisando e dialogando, problematizando as narrativas dos trabalhadores entrevistados que falaram de suas experiências, percebe-se um tom crítico, uma ‘discordância’ a idéia de que o tempo do trabalho foi *sempre* muito bom.

Os depoimentos também expressam, em certa medida, em tom mais baixo ao falar sobre os problemas, o salário sempre baixo (apesar do não atraso aos pagamentos), um inconformismo, uma pequena revolta pelas situações vivenciadas e que teve o desfecho com as demissões e o fim da fábrica. Enfim, a ambiguidade, a incerteza e o medo são sentimentos presentes em todo o processo, o que nos leva ao texto de (THOMPSON,1998:95-109) *a identidade social de muitos trabalhadores mostra certa ambiguidade. É possível perceber, no mesmo indivíduo, identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde.*

No diálogo com estes trabalhadores, observamos que através de suas memórias são contadas histórias significativas. A pluralidade das narrativas, as diferentes experiências destes demonstram as diversas maneiras de viver e interpretar o vivido. Após tanto tempo vale pensar a pluralidade de motivações em realizar este diálogo com os trabalhadores, pois, em certa medida, muito contribui para problematizar e demonstrar a heterogeneidade das vivências e dos conflitos frente à exploração no cotidiano da fábrica e a constituição de modos de vida na Sobral fabril.

Nesta perspectiva é possível entender este momento vivido pelos trabalhadores de forma múltipla, buscando não “enquadrar” ou cristalizar as ações desses como “dependentes” ou “fatalistas” ou inconformados com a situação atual em que vivem. Implica em repensar a forma de ver os trabalhadores, descrever, e interpretar suas narrativas, buscando compreender a cultura destes sujeitos sociais, todos participantes, todos fazedores da cidade, todos vivos e ressignificando as memórias dos tempos idos.

A maioria das entrevistas aponta para uma fábrica vivenciada nos anos 1960 e 1970, 1980 e para aquele espaço fabril percebido hoje, evidentemente que com o olhar do presente para o passado, mas o que aparecia de forma constante era o *tempo da fábrica, da saudade do trabalho, da dignidade de ser trabalhador*. Portanto, o sentido das transformações é diferente e igual, comum a todos.

Com base neste diálogo continuamos o caminho. Um caminho que revela os trabalhadores como sujeitos, pessoas que tem relação com a comunidade em que vivem, na família, tem sentimentos, afetos, gente que sorri, chora, luta, ama, reza. Enfim são

sujeitos históricos que vivem e recriam suas experiências constantemente dentro de determinações históricas específicas.

## **A História Oral**

Esta pesquisa se pauta na utilização de depoimentos orais dos trabalhadores, pois eles “sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997: 31), principalmente quando se trata de grupos marginalizados, visto que, pouco se conhece ou se sabe sobre suas experiências, seu cotidiano.

Com o olhar voltado para as transformações do mundo do trabalho, em especial, a indústria têxtil, no Brasil e no Ceará, há a necessidade de uma investigação sobre a história dos trabalhadores deste setor industrial, com a dimensão da história social, que instiga para uma discussão ampliada e contemporânea, a partir das experiências destes nas cidades.

Entendemos que as experiências dos trabalhadores da Fábrica de Tecidos Sobral são importantes para compreensão dos processos que envolvem trabalhadores, os modos de vida destes dentro do contexto mais amplo das relações entre capital, trabalho e emprego no Brasil nos últimos anos. Esta realidade do mundo do trabalho têxtil não é única, o ramo da indústria de calçados, cimento, laticínio também está presente na cidade de Sobral conforme indicam os estudos de HOLANDA (2007).

Autores como Alistair Thomson, Alessandro Portelli, Richard Hoggart são alguns estudiosos, presentes na pesquisa. Um trabalho em que buscamos mais os significados e menos os eventos nas narrativas dos depoentes, dentro de uma reflexão sobre a importância da subjetividade, da riqueza e diferenças entre os depoentes que constitui um mosaico onde cada um tem diferentes sentimentos.

A opção em se trabalhar com esta abordagem implica pensar os sujeitos sociais dentro de suas práticas, considerando suas trajetórias, bagagens culturais, relações sociais, etc...Tal perspectiva considera a pluralidade, as diferenças entre pessoas e a construção de uma história aberta e participativa, no dizer de Déa Fenelon:

“Abre a possibilidade de produzir uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele (...) na

esperança de estarmos, de alguma maneira com nosso trabalho ajudando a construir o futuro, numa perspectiva transformadora”.<sup>7</sup>

A ênfase é dada aos processos e aos significados apresentados pelos sujeitos. As interpretações dos fatos expressam a experiência social vivida por pessoas que se relacionam, e vão além do que é estabelecido e padronizado, influenciando na construção da própria história. Neste sentido a opção de estudo com a história oral considera menos os eventos e mais os significados para os sujeitos. Reconhece as interpretações e valoriza as subjetividades considerando que o processo vivido não é um esquema de experiências comuns e sim um “mosaico”, em que cada pessoa é diferente da outra e se buscam as diferenças das experiências vividas internamente. A História Oral se coloca desta forma como um “campo de possibilidades” como nos indica Portelli, “*A História Oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias.*”<sup>8</sup>

Nesta linha de reflexão, se considera o olhar visto de dentro, e não uma análise do alto, de forma distante. Desta maneira se reconhece que existem múltiplas visões, que há uma multiplicidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas que têm dimensão social. O campo de estudo da pesquisa focaliza as práticas sociais, ou seja, o conjunto das ações, e reflexões dos sujeitos sociais através de suas narrativas.

Privilegia-se o conhecimento das experiências dos sujeitos, através de metodologia qualitativa que dá preferência ao trabalho com fonte oral, pois trabalha, com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que

---

<sup>7</sup> FENELON. Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. In: *História e Cultura*. n. 10, São Paulo, dezembro de 1983.

<sup>8</sup> PORTELLI. Alessandro. A Filosofia e os fatos. Revista *Tempo*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, v. 1 p.70, 1996

corresponde a um espaço mais profundo das relações, enfim, as “verdadeiras raízes da vida”.<sup>9</sup>

No diálogo com os trabalhadores estabelecemos relações com as próprias experiências dos sujeitos, realizando entrevistas que se colocam de maneira peculiar, pois é, neste exercício, do conhecer e de se deixar conhecer, que apreendemos um universo revelado pelo outro.

Na lida com as entrevistas e narrativas, o diálogo construído está composto também por versões oficializadas da memória. Versões estas que estão postas nos referenciais do poder, no noticiário da imprensa, na elaboração das grandes obras e na constituição da memória. Importa destacar que não há uma memória *pura*, mas sim elaborações trazidas das relações construídas nos vários momentos e significadas por estes entrevistados no encontro com o historiador. A memória é ressignificada, reconstruída pelos sujeitos sociais.

Nesta perspectiva vale destacar RABELO FILHO (2010) ao afirmar:

‘A utilização desta fonte histórica no universo acadêmico contemporâneo, tem gerado diversos embates, suscitado reflexões, e fomentado debates principalmente por que a mesma é questionada por sua subjetividade, pela sua suposta falta de autenticidade, de prestígio talvez. Embates nas formas do saber fazer; estratégias demarcadoras do fazer lembrar... Histórias do cotidiano, outras formas de narrar, outras percepções acerca das transformações históricas, outras estratégias do lembrar, são ganhos simbólicos ao saber-fazer-produzir historiográfico’.

Compreendemos que, através das entrevistas, os mesmos falam de si mesmos, de sua experiência no trabalho, de seus filhos, os pensamentos sobre o futuro, o mundo hoje. Pois, colocam-se frente ao fato de serem entrevistados; usam uma chave que abre infinitas lembranças, acontecimentos, memórias que são, evidentemente, a história vivida por eles, em um determinado tempo e espaço.

Nesta direção, a experiência de entrevistador não está pautada na relação hierarquizada, e sim, buscam-se relações entre iguais, como nos lembra Portelli, uma

---

<sup>9</sup> HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. v. 1 Lisboa: Presença, 1973

experiência de igualdade, entre pessoas que têm vivências diferenciadas e que dialogam. Nesta forma de encaminhar a relação, o pesquisador também é “estudado” pelo seu entrevistado, portanto, há sempre duas visões. Reconhecer isso é criar um ambiente de confiança e uma relação com o entrevistado.

“O principal paradoxo da história oral e das memórias é de fato que as fontes são pessoas, não documentos”, indica Portelli.<sup>10</sup> Isso transforma efetivamente o exercício da pesquisa. Na lida com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva da produção das fontes. É ele quem elabora as perguntas, ainda que não obtenha as respostas que anseia e isso demonstra o aspecto dialógico desta modalidade de fonte.

Ao enfatizar as vivências dos trabalhadores, compreendemos que a subjetividade permeia toda a pesquisa, levando a assumir os depoimentos dos trabalhadores como fonte histórica. Ao lidar com a narrativa e a memória das experiências, reconhecendo-as como permeadas de valores e sentimentos, não há como o historiador abster-se da sensibilidade da fala do narrador.

Temos um compromisso e responsabilidade em estarmos inseridos dentro desta grandiosa teia, plural, dinâmica e heterogênea chamada História, na metáfora de uma “colcha de retalhos”, ou um mosaico onde todos somos diferentes, com muitas coisas em comum, com trajetórias diversas, buscando tanto a semelhança como as diferenças, porém formando um todo coerente.<sup>11</sup>

Um dos sentidos deste estudo também é construir uma interpretação na qual a fábrica é ressignificada em sua pluralidade de significados, reconhecemos as memórias plurais que surgem, apontando que há diversos sujeitos sociais que interpretam o trabalho na fábrica. No processo de desenvolvimento da pesquisa, no ampliar do diálogo com os trabalhadores, a partir dos documentos e dos relatos dos trabalhadores, compreendemos a memória como um campo de disputa e um instrumento de poder. Nesse sentido, buscamos *construir uma reflexão compartilhada, em torno de temáticas*

---

<sup>10</sup> PORTELLI. Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, vol. 01n, 2.

<sup>11</sup> PORTELLI. Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho”. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História* n. 15, São Paulo, abril de 1997.

*de estudo que são, em última instância, problemáticas sociais vividas* (KHOURY, 2004:124).

As reflexões acima apontam para possíveis caminhos a serem trilhados e um dos quais, seria a convicção de que é necessário procurar outras memórias e histórias que foram excluídas no processo e contemplar as diversas experiências de sujeitos sociais com seus diferentes modos de vida.

O olhar se volta para a contemporaneidade, para o movimento social, impulsionando para a transformação do presente, com a preocupação e compromisso de atuar no tempo presente, embalados pela utopia e esperança, como aponta SARLO (1997 p. 43):

“Mais do que trabalhar novos temas e abordagens, trata-se de propô-los de forma a reafirmar a contemporaneidade e a vitalidade crítica da reflexão, entendendo que a operação histórica requer um movimento não só retrospectivo, mas fundamentalmente prospectivo, sempre colocando em causa as relações entre memória e história”.

Nesta linha, reflete-se sobre a *necessidade* de se debater, escrever sobre os trabalhadores têxteis, embora este seja um tema sobre o qual muito já se escreveu, mas que ainda se sabe pouco. Levando-se em conta a possibilidade do esquecimento, convém retornar a este tema diversas vezes, não para repetir as análises que já existem, mas vê-lo de uma maneira sempre renovada, com outras abordagens, para assim, dificultar o seu esquecimento, buscando dialogar com as experiências destes sujeitos sociais, com os modos de vida e relações constitutivas de suas culturas.

## **BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA**

BOSI. Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983.

CORDEIRO, Maria Marlúcia dos Santos. *Memoria dos Operários da Vila Ernesto Deocleciano da Fábrica de Tecidos Sobral*. Curso de História, Monografia, UEVA, 2010.

EUFRASIO, Francisco Estevão da Silva. *A formação da classe operária na indústria têxtil de Sobral (1946-1955)*. Curso de História Monografia, UEVA, 2005.

FENELON. Déa Ribeiro. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa*. In: *História e Cultura*. n. 10, São Paulo, dezembro de 1983.

FIUZA. Elizabeth Aragão. *A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem 1880-1950*. Coleção Estudos Históricos – NUDOC – Projeto História do Ceará, UFC, 1989.

FORTES, Alexandre. "Miríades por toda a eternidade": a atualidade de E. P. Thompson. *Tempo social*. Jun 2006, vol.18, no.1, p.197-215.

GIRÃO, Gloria Giovana Mont'Alverne, SOARES, Maria Norma Maia. *Sobral: história e vida*. Sobral Edições UVA, 1997.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. v. 1 Lisboa: Presença, 1973

HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante. *Modernizações e espaços seletivos no nordeste brasileiro*. Sobral: conexão lugar\mundo. Tese de Doutorado no Programa de Pós Graduação em Geografia humana. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2007.

KHOURY, Yara Aun. *Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História*. In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Déa Fenelon Ribeiro, Laura Antunes (Org). São Paulo, Olho D'água, 2004.

LIRA, Pe. João Mendes. *Nossa História – A Revolução Industrial em Sobral — Cap. LVI, 20\5\1972*).

LOPES, José S. Leite. *Cultura e identidade Operária*. Rio de Janeiro, Marco Zero/UFRJ, 1987.

LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988.

POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 05. Nº. 10. 1992. Págs.

PORTELLI, Alessandro. " O que faz a história oral diferente". In: *Revista Projeto-História*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do

departamento de História da PUC-SP. Cultura e Representação. São Paulo:Educ,n. 14,1997.

PORTELLI. Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho”. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História* n. 15, São Paulo, abril de 1997.

PORTELLI. Alessandro. A Filosofia e os fatos. Revista *Tempo*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, v. 1 p. 70, 1996.

RABELO FILHO, José Valdenir. *Fontes históricas e o ofício do historiador: relatos de memória como vestígios de um tempo passado*. In: Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural, 2010, Piauí. Anais eletrônicos do Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural. Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2010.

SALES. Telma Bessa. *Trabalho e Reestruturação Produtiva*. O caso da Volkswagen em São Bernardo do Campo/SP. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE, 1920-1970*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História – UFPE, Recife, 2008.

SARLO. Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo, EDUSP,1997.

SILVA, José A. *A expansão urbana de Sobral: agentes sociais, processos e formas espaciais da cidade (1960-1996)*. Monografia. Curso de Geografia, UEVA, Sobral, 2000.

THOMPSON, Paul *A Voz do Passado: História Oral*. Tradução. Lálío Lourenço de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON. E. P. *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 01, 2001.

\_\_\_\_\_. *Costumes em Comum : estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *"tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. Costumes em Comum : estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Algumas Observações sobre a Classe e “Falsa Consciência”. In:  
NEGRO, Antonio. L.; SILVA, Sérgio (orgs.). *Textos Didáticos*. nº 10, 3ª ed., v. 02, 1998.  
p. 95-109.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias”, In: *Projeto História* n. 15, São Paulo, 1997.

VIANA, Carlos Negreiros. *A indústria têxtil do algodão no Ceará (1891-1973)*.  
Dissertação de Mestrado em economia na universidade de Brasília, 1988.